

MANUEL MARTINS TEIXEIRA



Nascido a 28Fev1942, em Vila Nova do Corgo (Celorico de Basto).

Aos vinte anos de idade ingressa na Marinha como voluntário e recebe o nr.8963/62.

Em 15Set62 é promovido a segundo-grumete. E no ano seguinte mobilizado pelo DFE7, para a Guiné.

Em 28Nov63 desembarca em Bissau.

A partir de 14Jan64 participa na Operação Tridente.

– «As operações tinham todas um objectivo e, com mais ou menos dificuldade, tínhamos de o atingir: umas vezes era o patrulhamento de uma zona ou de um rio; outras eram aquartelamentos do inimigo no interior das matas, onde tínhamos de ir saber o que é que, de facto, lá estava; estas geralmente eram mais difíceis mas, com o hábito, aquela apreensão que se sentia no começo ia-se desvanecendo e começava-se a andar mais à vontade. O medo nunca acaba mas depois de se desenrolar qualquer coisa os nervos acalmam. Tínhamos de enfrentar alguns sacrifícios, chegámos a andar dias e dias nas matas sem uma cama nem um colchão para dormir, por vezes sem água. Na Guiné, numa missão que durou 72 dias, tivemos de ser abastecidos por helicóptero com dois decilitros de água para cada homem, por dia: foi na grande operação da Ilha do Como, onde toda a água que tirávamos dos poços sabia a petróleo.»

Em 10Mar64 é promovido a primeiro-grumete sinaleiro; e em 03Ago64, a primeiro-grumete fuzileiro.

Em 25Out64 morrem em combate entre os rios Geba e Corubal, um segundo-sargento e um primeiro-grumete da sua unidade.

– «Em certas operações, para não se ser morto tem de se matar, mas se um deles era feito prisioneiro eu não o considerava inimigo e era contra qualquer atitude mais severa que se tivesse. O inimigo era inimigo até ser capturado, mas depois disso já não o considerava como inimigo: eles defendiam uma causa que achavam que era deles, nós defendíamos outra que achávamos que era nossa – era assim que eu via as coisas.»

Em 31Mar65 é promovido a marinheiro fuzileiro.

Em 25Ago65 o DFE7 termina a sua comissão na Guiné; regressa a Vale de Zebro, onde faz o curso de fuzileiro especial.

Em 11Jun66, segue de novo com o DFE7 para a Guiné.

Em 21Out66 é louvado pelo CCFAG brigadeiro Arnaldo Schulz; e em 05Jul67 recebe novo louvor.

– «Ganhei a minha Cruz de Guerra de 4ª Classe, ainda era marinheiro, numa operação [meados de 67] em que caímos debaixo de fogo. Eu encontrava-me à frente do destacamento, íamos em progressão quando demos com um aldeamento de cubatas; quando estávamos a aproximar-nos, surgiu um grupo de indivíduos armados. Fomos surpreendidos porque não íamos a contar, eles atiraram sobre nós e nós atirámos sobre eles. Só que a nossa reacção foi mais eficaz, nós atingimo-los e eles não nos atingiram; depois descobriu-se que os mortos eram chefes do inimigo na região e capturámos documentos importantes. Nestas situações uma pessoa tem de reagir imediatamente, não pode estar a pensar, tem de ser instintivo: não se pode ficar à espera que eles disparem primeiro. Apareceu-nos um grupo inimigo pela frente e eu tive de me defender e de defender os meus camaradas e abati um ou dois inimigos; o pessoal estava todo bem treinado e quando um atacava sabia que a sua retaguarda estava protegida, que não tinha o risco de ser abandonado; tínhamos uma união muito grande e isso era uma força que fazia com que uma pessoa não estivesse preocupada com a possibilidade de ficar sozinho, como aconteceu algumas vezes no Exército.»

Em 30Set67 promovido a cabo fuzileiro especial; e em 05Dez67 recebe um louvor do comandante da Defesa Marítima da Guiné.

Em 1968 é distinguido, por valentia em combate, com o Prémio Governador da Guiné, e condecorado com a Cruz de Guerra de 2ª Classe.

– «A segunda Cruz de Guerra [2ª Classe] foi baseada noutra missão do mesmo género. Eu já era cabo, o comandante da minha secção estava de férias e o comandante da minha unidade [DFE7] nomeou-me para comandar a secção, apesar de eu não ser o cabo mais antigo. O comandante da unidade assinalava-nos o objectivo, mas como lá chegar e por onde tem de ser decidido por quem está no terreno – lá de cima, do helicóptero, é muito bonito, mas no terreno as coisas são diferentes.»

– «Geralmente desembarcávamos de lanchas de noite ou de madrugada: para não sermos detectados ia mais de uma lancha; uma continuava a vogar e a outra desligava os motores e aproximava-se da margem, encostava ao tarrafo e nós desembarcávamos – assim o inimigo pensava que nós continuávamos naquela lancha que ia rio acima a fazer barulho – e depois fazíamos a progressão por terra para não sermos detectados. Nunca usávamos os trilhos já feitos porque estávamos sempre sujeitos a que estivessem armadilhados ou minados; abríamos caminho à catanada para não sermos surpreendidos pelas armadilhas ou emboscadas do inimigo – muitos camaradas do Exército morreram ou ficaram feridos por não fazerem isto. Mas para os encontrarmos em condições de pouca defesa era preciso ter sorte: os combates aconteciam quando éramos interceptados no meio do caminho, quando estávamos já a chegar aos objectivos ou, já dentro do objectivo, quando eles nos deixavam entrar e tentavam apanhar-nos lá dentro. Íamos em progressão [início de 68] para um objectivo que nos tinha sido definido a partir de informações do comandante de sector: nessa missão fomos flagelados e tive de reagir à emboscada e voltámos a ter êxito.»

Em 24Abr68 o DFE7 termina a segunda comissão na Guiné e regressa a Vale de Zebro, onde o cabo Teixeira faz os cursos de ITE-sinaleiro e de sargento.

Em 27Out69, desembarca em Luanda com o DFE1.

Em 01Abr70 é promovido a segundo-sargento fuzileiro especial; e recebe a Medalha de Comportamento Exemplar.

– «Em Angola ganhei a Cruz de Guerra de 1ª Classe. Angola era totalmente diferente da Guiné; em Angola fizeram-me uma emboscada com muita categoria, muito mais bem feita do que as da Guiné. O destacamento [DFE1] estava dividido em dois grupos de vinte cinco homens e tinha de atacar dois objectivos: os grupos foram lançados de helicóptero para o terreno, no Leste, junto ao rio Zambeze na zona do Cazombo; quando chegámos ao objectivo já lá não estava ninguém, tinham desaparecido todos. Mais tarde detectámos lume numa ilha do rio e tivemos de atravessar a nado para ir ver o que era, mas eles já nos tinham detectado e tinham desaparecido; tivemos de atravessar novamente a nado na volta e depois tivemos de torcer a roupa que estava toda encharcada.

Fazia muito frio, o sol começava a nascer e os homens ainda vinham todos a granel: eu comecei a pô-los nos lugares, a marcar-lhes as distâncias – tudo isso; não tínhamos talvez progredido um quilómetro por uma zona bastante descampada apenas com pequenos arbustos, começam os tiros do lado esquerdo; toda a gente se atirou para a esquerda – há sempre tendência para nos atirmos para o lado de onde elas vêm – e reagimos aos tiros; depois descobrimos que tinham sido dois indivíduos. Nessa altura veio o ataque a sério do lado direito: era o pessoal todo no chão e os tiros a baterem lá, e aquela confusão toda e um moço logo a gritar com um tiro numa perna (apesar disso ele reagiu bem e ainda conseguiu despejar as munições que tinha na arma e meter outro carregador); o moço da metralhadora MG que vinha ao meu lado reagiu logo e toda a gente reagiu também. O pessoal passou bem para o outro lado e avançámos para a direita fazendo fogo (ainda por cima tínhamos um camarada ferido, que tínhamos de proteger), e também para a esquerda e formámos uma meia-lua. Eu fiquei a controlar, de pé, para ver para que lado é que se devia fazer mais fogo pois não sabia o que ia acontecer mais: pensei “se me mando para o chão levo com os tiros, se fico de pé também; olha, deixa-te estar que pelo menos sempre vês o que está a passar-se”.»

– «Uma vez, noutra missão no Leste de Angola, já andávamos havia três dias nuns morros onde nem se conseguia comer por causa de milhares de moscas miudinhas que se metiam pelo nariz, ouvidos e boca. Em dada altura o comandante mandou-me passar para a frente e pouco depois começámos a ver agricultura e depois a ouvir o barulho de conversas: chamei o intérprete e ele disse que os homens estavam a dizer às mulheres para irem para a lavra, que eles quando acabassem de arranjar a caça iam lá ter. Mandeí vir a MG para a frente, pusemo-nos junto a uma curva mas fora do trilho; as mulheres vinham pelo trilho e, quando viram um moço que ia no fim da coluna e ainda não se tinha escondido, começaram a gritar: atirámos ao sítio onde estavam os homens e das cinco armas que lá estavam não chegaram a pegar em nenhuma; as mulheres fugiram. Nós não íamos atrás da população desarmada, mas se as apanhássemos trazíamo-las para elas não irem dar informações ao inimigo. Quando fomos evacuados de helicóptero já era quase noite e eu estava a ver que tínhamos de lá ficar, só havia um homem a fazer tiro a ver se lhe respondiam, mas o resto andava tudo disperso. Foi uma operação praticamente sem riscos.»

Em 10Jun71 é condecorado no Terreiro do Paço, pelo PR almirante Américo Thomaz, com a Cruz de Guerra de 1ª Classe; e com o grau de Cavaleiro da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito.

– «Mas na vida de um homem, quer como militar quer como pessoa, as condecorações não mudam nada.»

Em 06Out71, o DFE1 termina a sua comissão em Angola e regressa a Vale de Zebro.

Em 07Jun72, segue com o DFE12 para Bissau.

Em 26Set72, durante a Operação Águia Errante, morrem em combate dois primeiros-grumetes; e em 07Out72, morre um marinheiro.

– «A única vez que fui ferido foi durante um grande ataque nocturno contra o aquartelamento onde eu estava, na Guiné, em que fiquei com a vista esquerda afectada e problemas de audição devido a uma granada de RPG. Nas operações, com os rebatimentos das granadas, também andei muitas vezes a voar, mas só dessa vez dentro do quartel é que fui ferido.»

Em 01Abr74 é promovido a primeiro-sargento; e dois dias depois louvado pelo comandante da Defesa Marítima da Guiné.

Em 05Abr74 termina a sua terceira comissão na Guiné e regressa a Vale de Zebro.

Em 09Set75 chega a Luanda com a CF9.

Em 09Out75 é louvado pelo Comandante Naval de Angola.

Na noite de 10Nov75, regressa a Lisboa com o último contingente das Forças Armadas de Portugal.

– «A coisa que mais me impressionou sempre, eram aquelas situações em que tínhamos camaradas mortos ou mutilados. E não só pelos camaradas, como pela forma como as famílias ficavam.»

Em 18Fev82 é promovido a sargento-ajudante graduado; e em 28Nov82 termina o seu serviço na Armada.